

Esta *cedência de substância material* demonstra-se directamente pela diminuição de pêso que experimentam os *médiuns*, quando se produzem os fenómenos de materialização de formas espiritas.

O perespírito dos seres desincarnados não pode actuar directamente sôbre a matéria inanimada, mas *só e unicamente* sôbre a matéria *análogamente organizada e viva* do *médium*.

Essa *acção* exerce-se por várias formas.

Umaz vezes actua por via de sugestão sôbre o *médium*, que assim á *forçado* pelo seu *magnetizador invisível* a escrever, falar ou praticar tal ou tal acção, conforme lhe aprouver.

Assim se produzem os *médiuns* típtólogos, escreventes, auditivos, intuitivos, de efeitos físicos, etc.

Outras vezes, actuando por meio de um organismo vivo, o espirito desincarnado apossa-se temporariamente de parte do corpo do *médium*, fazendo-lhe pouco e pouco mudar os traços fisionómicos, o metal de voz, ou a caligrafia, falando directamente pela sua bôca, escrevendo com a sua letra, e dando à vista a sensação fisionómica do morto.

Tais são os *médiuns* de *incarnação* ou *incorporação*.

Outras vezes o espirito *chama a si* uma parte da substância orgânica do *médium*, num estado

de desagregação molecular, e com ela constitui *provisóriamente* um corpo tangível, propriamente seu, produzindo assim mãos, pés, cabeças, bustos e corpos inteiros, que respiram, que falam, que pensam e actuam como uma pessoa normal, corpos reais que teem pêso, calor e vida, como qualquer de nós; mas *vida efémera* como a da mariposa; corpo que se esvai como névoa, e que como névoa se condensou, pêso que decresce rápido até reduzir-se a *zero*.

É assim que se produzem as materializações parciais ou totais que citámos anteriormente.

*

* *

Desenvolvendo êstes princípios torna-se fácil explicar *o processo* pelo qual se realizam os diversos fenómenos.

Suponhamos que se trata de um fenómeno de materialização, incontestavelmente o mais maravilhoso de todos.

Para que êle se produza é mister:

1.º que o espírito desincarnado, actuando sobre o *médium*, o magnetize, exteriorizando-lhe mais ou menos completamente o perespírito, mas não totalmente.

Em conseqüência desta exteriorização o *médium* cai num estado letárgico chamado *transe*.

2.º O espírito desincarnado apossa-se então do corpo material do *médium*, abandonado pelo seu perespírito, e afeiçoando, *ao seu próprio perespírito*, as moléculas materiais de que precisa, subtraídas ao *médium*, constitui um *corpo próprio*, que gradualmente se vai destacando do *médium*, até que, emancipando-se d'ele, constitui o *espírito materializado*. Êste, se a condensação material é frouxa, apresenta um aspecto mais ou menos diáfano, vaporoso ou luminoso no todo ou em parte; se, porém, a condensação material é completa, nêsse caso manifesta-se como um corpo *duro e tangível*, que anda, mexe, fala e raciocina.

Se, enquanto durar a aparição, se pesar o *médium* e se confrontar êsse pêso com o que tinha antes da experiêcia, verificar-se há que o dinamómetro acusa a falta de muitos quilogramas. Para onde foi essa quantidade de matéria? indubitavelmente para o corpo *provisório* do espírito materializado. E a contraprova está em que o *médium* readquire (com a diferença de algumas grammas) o seu antigo pêso.

Como é que se opera essa *desmaterialização e recomposição moléculas* do *médium*?

Diz-se, e com razão, que a *materialização* dum espírito é uma verdadeira *reincarnação num organismo transitório* constituído á custa do

médium, e que por isso *materialização e reencarnação* são fenómenos absolutamente *paralelos e comparáveis*, sendo a *reencarnação*—uma encorporação *normal, lenta* e por isso *durável*, ao passo que a *materialização*—é uma encorporação *anormal, rápida* e por isso *efêmera*.

Ora na *reencarnação* o perespirito da futura criança atrai a si os elementos materiais de que carece—1.º do *germen orgânico fecundado*.—2.º atrai também por assimilação, uma parte dos produtos da nutrição absorvidos diáriamente pela mãe nos alimentos que tomou, e que são *matéria orgânica assimilável*,—vegetal e animal.

Na *materialização* o perespirito do desincarnado assimila a si *rápidamente do médium* as moléculas já animalizadas existentes no corpo d'ele.

E assim como, nascendo, a criança está prêsa à mãe pelo *cordão umbelical*, assim também a aparição materializada fica prêsa ao *médium* por um laço flúidico, sem o qual não pode subsistir.

Mais analogias: assim como, geralmente, a criança se assimilha aos pais, que *lhe deram o corpo*, assim também o espirito materializado muitas vezes apresenta similhaça maior ou menor com o *médium*, que *lhe emprestou o corpo*.

Finalmente, a criança esquece, *reincarnando*, a história da sua vida *anterior*, porque o seu organismo *actual* é diverso daquele que perdeu

pela morte. Da mesma sorte o espírito *materializado*, revestindo um corpo de empréstimo, experimenta também um *obscurecimento* maior ou menor da memória e da consciência; porque os seus órgãos actuais são *emprestados* e não os que teve quando vivo.

Como se vê, as analogias são numerosas e frisantes; mas, se por um lado são satisfatórias *quanto à formação e materialização*, não nos explicam pela mesma forma como é que o corpo do *médium* se pode *desmaterializar parcialmente* e *tornar a materializar-se*, qual era anteriormente, sem que isso affecte gravíssimamente o seu funcionalismo regular.

Compreendemos que a explicação desses factos tenha a sua razão de ser *na natureza íntima do perespírito*, que é essencialmente *um poder enorme de irradiação e de agregação molecular, orientada pelo molde-tipo* da espécie; mas isso não obsta a que êste fenómeno fique sendo para nós o *problema mais insolúvel* do espiritismo.

Mas a lógica dos factos é inexorável, e a êste respeito diremos o que W. Crookes respondeu aos seus antagonistas — «Eu não disse que êsses factos eram *possíveis*, o que afirmei é que *eram verdadeiros*».

Desenvolvendo esta ideia que formamos do perespírito, diremos que — sabendo-se que o perespírito é a fôrça que associa e mantêm aderen-

tes entre si as moléculas do corpo vivo, e sendo certo que no estado de *transe* o corpo material está quasi totalmente privado do perespírito, é claro que a *coesão molecular* do corpo do médium *deve diminuir*, facilitando assim a sua desagregação. Ora, nestas circunstâncias, achando-se o corpo do médium privado do seu *centro de gravitação molecular*, e achando-se em contacto com *um outro centro de gravitação*, que é o perespírito do desincarnado, não é impossível conceber-se que êste, actuando por atracção, vá chamando a si as moléculas de que carece para criar um corpo novo, *facetado* ou *moldado* sôbre o perespírito do desincarnado, reproduzindo assim os traços fisionómicos da sua vida anterior.

*

* *

Por esta teoria as aparições luminosas ou nebulosas são apenas materializações incompletas, meramente esboçadas.

A penetração da matéria pela matéria e os *apports* podem explicar-se como resultado de uma *desmaterialização* seguida de uma nova *materialização*.

O espírito *desmaterializa* o objecto em ques-

tão, transporta os seus elementos constitutivos para o lugar da sessão, e aí reconstitui molecularmente o corpo no seu estado anterior.

A escrita directa, dentro de caixas fechadas, ou entre duas ardósias ligadas entre si, é executada por mãos fluídicas, invisíveis para nós, atento o seu fraquíssimo grau de materialização.

A *variação de pêso* nos corpos e a *levitação* explicam-se pela nossa teoria, expendida neste livro, quando tratámos dêstes fenómenos.

Finalmente os fenómenos de *incarnação* que consistem em o médium se transfigurar por forma que a sua fisionomia apresenta pouco e pouco os traços fisionómicos mais característicos do morto, em pensar pelo seu cérebro, e falar pela sua bôca, explicam-se, como já démos a entender, pela seguinte forma:

Caindo o *médium* em *transe*, o seu perespirito *exterioriza-se*, e o corpo abandonado, é ocupado pelo perespirito do morto, que gradualmente vai *amoldando e facetando* a matéria orgânica do *médium* por forma a reproduzir, com mais ou menos perfeição, as feições do falecido e igualmente a sua voz e as maneiras.

Como a natureza e plano dêste livro não nos permitem dar maior extensão a êste assunto, deixamo-lo de parte para passarmos a outra matéria.

VIII

Concordância do Espiritismo com todas as Sciências

É realmente maravilhosa a forma concisa e clara por que o Espiritismo explica satisfatoriamente, sem perífrases nem ambages, e sem mesmo recorrer a êsses palavrões esdrúxulos de um grego mais ou menos avariado, todos os fenómenos que as diversas sciências não teem logrado até hoje fazer sair da região dos factos obscuros ou duvidosos.

E não menos é para admirar a facilidade com que o espiritismo *se põe de acôrdo* com as diversas sciências, *harmonizando-as, concatenando-as e completando-as.*

É que, de facto, a doutrina espirita é a *cúpula* de todo o edificio scientifico, o *elo* que encerra e concatena numa síntese maravilhosa e única todos os conhecimentos humanos.

Pode dizer-se sem receio de errar que o *Espiritismo* é — *a filosofia das sciências.*

E de facto:

Nascidos na mesma época, o Transformismo e o Espiritismo *completam-se* um pelo outro, e *corroboram-se*, quando a princípio pareciam destinados a degladiarem-se sem tréguas. Hoje todo o espírita é transformista, e todo o transformista, (se fôsse lógico), deveria ser espírita. Infelizmente, porém, a lógica não cabe em todos os cérebros, e por isso não se compreendem.

E com efeito:

A *base* do transformismo assenta essencialmente em admitir que a Natureza, partindo dos seres mais rudimentares e simples, foi subindo gradualmente e por uma transição insensível até aos organismos mais complexos e perfeitos, como o do homem. *Natura non fecit saltus*.

Mas os transformistas não foram nas suas afirmações para além do mundo ou plano físico, e é nisto que pecaram. Excesso de *miopia*.

Vem então o Espiritismo e diz-lhes:

— «Essa progressão insensível não pára aí; é ela *igualmente* a lei do mundo psíquico. E o espírito que *tudo vitaliza* na Natureza; o espírito, que é a *fôrça imanente* e o *centro de atracção* de toda a matéria;—o *Espírito começa*, sob as formas de *coesão* e *afinidade*, a vitalizar os minerais, pois que preside às suas agregações e combinações químicas; ascende depois um grau, e

vitaliza a célula, e esta, aglomerando-se com outras, *constitui a planta* mais rudimentar.

Subindo em categoria, o *Espírito vegetal* depura-se, e pelo seu poder de atracção e assimilação produz organismos vegetais mais complexos.

O *mesmo princípio de vida*, o mesmo espírito, (já então mais depurado e nobre), vai, em uma nova ordem de existências, criar um corpo adequado às suas faculdades, aos seus progressos; — mas esse corpo é já *o de um animal*.

O seu progresso continua sempre nessa nova categoria, e assim, depois de *vitalizar*, em vidas sucessivas, diversos seres da imensa série animal, vai alfim *dar entrada no reino humano*, onde se incarna tantas vezes, quantas fôr mister, até que se haja depurado de todos os vestígios da animalidade, e tenha adquirido a moralidade e sciência, que lhe permitam ascender a *outros mundos* mais perfeitos e espiritualizados.

Dest'arte, o *progresso indefinido*, ou, por outra, a evolução sem limites — *é a lei soberana do Universo*, quer seja *no plano físico*, quer seja *no plano psíquico*.

Assim, completado e explicado pela doutrinação espírita, o *Transformismo* constitui uma magnífica síntese, que abraça todos os conhecimentos humanos, estabelecendo um *elo indissolúvel* entre o *passado* e o *presente*, e mostrando-nos que este é o factor imprescindível do *futuro*.

Afirmando assim que a *evolução humana* não termina na Terra, mas se continua *indefinidamente na série inumerável dos mundos*, que se libram no espaço; — o *Espiritismo* está de pleno acôrdo com a astronomia, que de há muito nos prova que a Terra — *não passa de um átomo no seio do infinito*, e que, longe de ser ela o centro do Universo, é apenas — *um astro insignificante* entre miríades de milhões de outros enormíssimos, que a observação e a razão nos levam a crer que devem ser habitados.

A Física e a Química por seu turno de há muito que tendiam — uma a demonstrar a *unidade das forças físicas*, e a outra caminhava a passos agigantados para a crença na *unidade da matéria*.

O *Espiritismo* reconhece e estabelece como ponto capital de doutrina — não só a *unidade de força*, mas também a *unidade da matéria*.

*

* *

Observando-se como um facto indubitável que a *intensidade da força* é tanto maior quanto maior fôr a rarefacção das moléculas do corpo em que ela se manifesta; conhecida já hoje, pelos trabalhos de Crookes, a *matéria radiante*, e a

potência dos raios X, não é muito difícil de conceber que, levada *um pouco mais longe* a rarefacção, ela possa constituir o que chamamos — o *perespírito* ou *corpo astral*.

E se atentarmos bem no que nos ensina a química superior sobre a *constituição molecular* dos corpos, e reflectirmos em que as moléculas *dêstes* não estão em contacto umas com as outras, mas antes se mantem a distâncias maiores ou menores e em constante vibração, consoante o grau de calórico que possuem, também se tornam de uma compreensão relativamente fácil os fenómenos de materialização e desmaterialização.

*

* *

O espiritismo completa e corôa admiravelmente os ensinamentos da fisiologia com respeito aos problemas mais árduos que esta não logra explicar.

É assim que a *persistência* do *perespírito* como força de atracção e *molde típico* do ser, — explica satisfatoriamente :

1.^ª— O agrupamento na mesma forma orgânica da inúmera quantidade de moléculas e células que constituem o nosso corpo.

2.º— A conservação inalterável da personalidade física, moral e intelectual do ser, apesar do renovamento constante das suas moléculas.

3.º— As relações íntimas que existem entre o físico e o moral.

4.º— As diferenças capitais que separam as funções do pensamento das funções meramente orgânicas.

Para se formar uma ideia aproximada das dificuldades com que lutam os sábios quando pretendem estabelecer uma teoria aceitável para certos fenómenos, transcendentés; para se ver até que ponto a teoria do perespírito é sensata e vem preencher a lacuna enormíssima que todo o fisiologista sincero encontra, sempre que tente pesquisar o *quid* de que resulta a vida, basta ler-se com atenção o seguinte trecho de Claude Bernard, na sua Introdução à Medicina Experimental. Diz êle:— «Vemos na evolução do embrião aparecer um *simples esboço* do ser, antes de qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos são a princípio simplesmente definidos, começando pelos esboços orgânicos provisórios que hão de servir de aparelhos funcionais do feto. Nenhum tecido aparece então distinto. Toda a massa é constituída sómente por células plasmáticas e embrionárias.

Mas neste esboço vital *está traçado o desenho ideal dum organismo*, ainda para nós invi-

sível, *desenho* que assinalou a cada parte e a cada elemento o *seu lugar próprio*, a sua estrutura e propriedades.

No sítio onde devem vir a existir os vasos sanguíneos, os nervos, os músculos, os ossos, etc., as células embrionárias transmudam-se em glóbulos sanguíneos, em tecido arterial, venoso, muscular, nervoso e ósseo.»

E mais adiante acrescenta:

«O que é essencialmente *do domínio da vida* e que *nem pertence à física nem à química*, nem a outra qualquer sciência, é a *ideia directriz* dessa acção vital. Em todo o germen vivo há uma *ideia directriz*, que se desenvolve e manifesta pela organização. E, enquanto o ser *dura*, fica sempre *sob a direcção e influênciã dessa fôrça vital e criadora*.

É sempre *a mesma ideia que conserva o ser*, reconstituindo-lhe as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, ou destruídas por accidentes ou doenças.»

Aqui está como fala um homem de sciência, que acima de todos os preconceitos de escola coloca os deveres sagrados da sua probidade scientifica.

Reconhece com toda a franqueza, que acima de toda a sciência, de toda a física e química, e fora delas, há um *quid* desconhecido que *produz a vida* e é o *esbôço pre-existente* de todo o

organismo, o *centro director*, o *foco de atracção* de toda a matéria organizada.

Um espírita convicto não demonstraria com mais clareza a existência do perespírito e da alma.

*

* *

Nos domínios da Psicologia, o Espiritismo é ainda o mais poderoso auxiliar do espírito humano para a resolução das inúmeras dificuldades, que a cada passo se nos deparam.

E, com efeito, a cada iustante se vêem muitos indivíduos, filhos dos mesmos pais, educados na mesma escola e princípios, criados no mesmo meio, apresentarem diferenças enormíssimas entre si, tanto no físico como no moral. Vêmos por vezes de pais rudes sair um filho com uma inteligência privilegiada, ou com uma aptidão extraordinária para uma arte ou sciência determinada.

Tudo isso, todas as desigualdades intelectuais, sensitivas e morais, que se observam no meio social; desigualdades que nem a hereditariedade, nem a influência do meio, nem os esforços individuais podem logicamente explicar, acham a sua plena e natural explicação na teoria espírita da *reincarnação*.

Por outro lado a teoria do perespírito supprime radicalmente uma gravíssima objecção que anteriormente se fazia ao espiritualismo, qual era a dificuldade ou mesmo impossibilidade de se conceber nitidamente a alma, por ser uma entidade *destituída de forma*.

Hoje tudo mudou: como a alma, ou seja no *estado de incarnação*, ou seja no *estado astral*, anda sempre envolta no seu respectivo perespírito, que afecta sempre a *forma própria* do ser a que pertence, a alma fica sempre tendo uma forma própria.

*

* *

A sciência que mais analogias apresenta com o *Espiritismo* é indubitavelmente o *Hipnotismo*, termo modernizado, mediante o qual o *Magnétismo Animal* logrou fazer a sua entrada triunfal nos domínios da sciência oficial.

Os inúmeros e extraordinários fenómenos, que se encerram no vastíssimo quadro desta sciência, são todos uns meros enigmas, se nos mantivermos dentro do campo materialista.

Se, porêem, entrarmos francamente no campo espírita, que assenta sôbre a noção da constituição tripla do homem — *alma, perespírito e corpo*,

todos êsses fenómenos são lúcida e perfeitamente explicados com uma clareza tal, que contrasta com as teorias forçadas e sibilinas, que tanto abundam nos escritores que seguem a doutrina oposta.

Assim, por exemplo, o dr. Azam no seu livro — *Hypnotisme et Double Conscience*, apreciando os fenómenos de *desdobramento de personalidade*, manifestados no seu passivo Felida, — ora atribui êsses fenómenos ao *funcionamento independente dos dois lóbulos cerebrais*, (o que aliás não serve para o caso de *três personalidades ou mais* no mesmo indivíduo), — ora os atribui ao *sonambulismo total*, — ora a fenómenos de *vaso-dilatação* ou de *vaso-constricção* na circulação cerebral; e por fim, descoroçoado, reconhecendo a inanidade de todas essas teorias, exclama: — « tudo são dúvidas, tudo dificuldades. »

E todavia, segundo a teoria que adoptámos, a explicação é *simples e comprehensível*.

O estado de hipnose é apenas o *comêço da separação temporária* entre o princípio anímico e o corpo. Isto prova-se pelo facto da sensibilidade cutânea ter abandonado o corpo, *exteriorizando-se e localizando-se em tôrno dêle* a uma curta distância. (Vide o nosso livro — *O Magnétismo*, a pág. 64.)

O corpo pode ser percutido, picado, ferido, sem que resulte dor alguma; mas, se se exercerem

êsses actos nas *imediações do corpo*, sem se tocar na pele, imediatamente acusará uma dor vivíssima; porque a alma, embora se exteriorize a grandes distâncias, fica sempre ligada por um laço fluídico, que é, entre as duas entidades, o mesmo que o condutor metálico entre dois postos telegráficos.

No estado hipnótico o *corpo* não vê, não ouve, não sente, não percebe, *por intervenção dos seus órgãos corpóreos* para tal fim destinados; mas, apesar disso *vê, ouve, sente e percebe* com bem maior agudeza e perfeição — *pelo sentido único*, a que anteriormente aludimos, e cuja existência agora se torna bem evidente.

Êsse sentido *único, sintético* está disseminado por toda a superfície de irradiação periorgânica ou pelas suas imediações.

É por isso que o sonâmbulo vê pelo esófago ou pelos dedos, ou pela nuca, e apresenta o fenómeno da transmutação dos sentidos à vontade do magnetizador. (*)

Prova-se ainda esta exteriorização do elemento psíquico com as célebres experiências de

(*) Vide *Etude sur l'exteriorisation de la sensibilité* de Mr. de Rochas.

Analyse des Choses, do Dr. Gibier, e *Annales des Sciences Psychiques* de 1895.

Mr. de Rochas, sôbre os fenómenos profundos da hipnose.

Nêste estado viu êle e descreve a formação, à direita e à esquerda do passivo sonâmbulo, de um duplo fantasma aéreo, que em breve se reúne e condensa em um único.

Resultam também desta exteriorização anímica, fenómenos de ordem intelectual mais ou menos transcendentes.

No comêço da hipnose manifesta-se desde logo um entorpecimento da consciência e da vontade, por isso que a intelligência se separa pouco e pouco do seu órgão cerebral, e daqui resulta a *facilidade da sugestão*, que não é mais do que a imposição de uma *vontade enérgica* a outra que o é muito menos, ou que não tem fôrça para reagir.

Num estado de hipnose mais profundo a exteriorização anímica torna já possível o exercício das faculdades mais transcendentes, tais como a *leitura do pensamento*, a *visão a grandes distâncias*, etc.

Nêste estado, diz o dr. Gibier, — não há já cérebro para a percepção ou para o pensamento, mas uma e outro podem estar espalhados em todo o ser.

Nêste estado o passivo pode, (por meio do éter ambiente, cujas vibrações se comunicam ao seu éter anímico exteriorizado), dar-se conta de

uma imensidade de factos *passados, presentes,* e ousa até dizê-lo, *futuros.*»

Nêste estado a *personalidade normal desaparece*, porque o corpo está quasi completamente alheado da alma, e esta então avoca a si a plena posse e noção das suas existências passadas, as recordações reaparecem em grande número; e por isso aquilo que se convencionou chamar — *sub-consciência* desempenha aqui o principal papel.

Assim, o valor ou importância intelectual da *sub-consciência* será tanto maior quanto maior fôr o número das existências ou personalidades anteriores do passivo hipnotizado.

*

* *

Por seu turno os fenómenos telepáticos podem resultar de três causas diversas. Assim: Uns resultam de *claro-vidência*, ou acção directa entre o pensamento de dois individuos, acção esta que tem o seu paralelo no mundo físico—na *telegrafia sem fio*.

Outros resultam da *visão a distância*, durante o sono normal, visão produzida pela exteriorização do corpo astral.

Outros, finalmente, e são êstes os mais complexos, pois que podem afectar uma ou muitas pessoas, simultânea ou sucessivamente, explicam-se, uns pela acção anímica, e outros pela intervenção dos espíritos.

Em tais casos o perespírito arrasta consigo as moléculas materiais bastantes para lhes dar a consistência suficiente para irem influenciar os sentidos da pessoa ou pessoas a quem o falecido, ou o vivo exteriorizado deseja manifestar-se. E isto é tanto mais verosímil, quanto é certo que o fenómeno telepático se produz quási sempre após uma *morte acidental ou violenta*, ou no momento de uma crise, que põe em risco a vida; pois em tais casos, não tendo a fôrça orgânica sido exgotada pela doença, e preparado o corpo astral para a sua separação radical, êste, forçado pela *crise súbita* da morte, conserva durante algum tempo uma grande parte das moléculas materiais, que traduzem nitidamente o seu estado real no momento da morte.

*

* *

Importa mencionar aqui também as analogias frisantes que existem entre o sono *magné-*

tico e o *mediúmnico*, analogias que muito convêm conhecer, mesmo para o fim de criar e educar os *médiuns*.

Dissemos já que o sono hipnótico apresenta três fases principais e nítidamente caracterizadas — o *estado letárgico*, o *cataléptico* e o *sonambúlico*. O primeiro é caracterizado pelo *sono profundo, insensibilidade e lassidão* de todos os músculos.

O segundo estado apresenta sintomas opostos — *rigidez muscular, e conservação das atitudes*.

E, finalmente, o terceiro estado caracteriza-se por uma *aparência completa do estado de vigília*, e pela *excessiva sugestibilidade* do passivo.

O *médium* por seu turno apresenta também três fases distintas e correspondentes, porque o *medianismo* é o *magnétismo exercido pelos desincarnados*, da mesma maneira que o *magnetizador vivo* exerce a sua acção magnética sobre o passivo com que trabalha.

Parece-nos que o *médium adormece por si*, caindo num estado de letargia profunda. É um engano. O *médium é adormecido* por um espírito, geralmente o seu espírito guia, que o magnetiza como nós fazemos aos nossos passivos.

Enquanto o *médium* fica em estado letárgico a sua fôrça nervosa *exterioriza-se* e pode vir actuar a uma certa distância.

Muitas vezes as materializações são produzidas enquanto o *médium* está em letargia.

Depois os olhos abrem-se, o olhar torna-se fixo, os músculos tornam-se rígidos. O médium fica *cataléptico*. Êste estado é para o *médium* um simples *estado de transição* para outro superior. Enquanto êle dura *nenhum fenómeno espírita* se produz.

Depois os músculos perdem a sua rigidez e o *médium* entra no terceiro estado, que corresponde *exactamente* ao *sonambulismo magnético*, e em que as analogias entre o sonambulismo magnético e o medianismo são mais frisantes.

A distinção mais notável entre o passivo magnético e o *médium* neste estado é que o passivo magnético é sugestionado por um ser vivo e portanto *visível*, ao passo que o *médium* é sugestionado por um espírito desincarnado e portanto *invisível*.

No estado sonambúlico o passivo pode *mudar de personalidade*, se o magnetizador assim lho ordenar.

No mesmo estado o *médium* pode revestir várias personalidades, isto é, pode *ser ocupado* por diversos personagens. E' o que se chamam as *incarnações*.

Tanto o passivo como o *médium* são inconscientes neste estado.

Quando uma determinada incarnação se re-

tira, — o *médium* ou desperta, ou manifesta os sintomas de uma nova incarnação, isto é, cai novamente em letargia, desta passa ao estado cataplético (ambas estas fases de uma curta duração) e seguidamente fica sonambúlico, dando-se então a nova incarnação. Nalguns *médiuns* estas fases tornam-se quasi indistintas.

*

* *

Destas analogias e correspondências entre o sono magnético e o mediúmnico, e da idêntica natureza de ambos se chegou à seguinte conclusão:—que para se *escolherem e educarem médiuns* se deverá começar por *escolher e educar* bons passivos magnéticos.

Ora uns e outros se encontram de preferência entre os seres muito nervosos.

Escolha-se por isso previamente um bom passivo magnético, capaz de produzir as três fases do sono magnético.

Começa-se, pois, por obter o primeiro grau de sono — o *estado letárgico*, podendo para isso empregar-se qualquer processo magnético, ou mesmo qualquer processo hipnótico, tal como a *bola hipnótica*, os *espelhos rotatórios*, etc.

Em muitos passivos produz-se desde logo um *estado mixto*, semi letárgico, semi sonambúlico. Nêste estado o passivo ouve e fala, mas tem os olhos fechados.

Noutros produz-se a *letargia pura*. Em qualquer dos casos é indispensável ir avante, procurando passar ao *estado cataléptico*, que se pode obter por três meios—ou ordenando ao passivo que abra os olhos, *mas sem acordar*;—ou abrindo-lhos à fôrça;—ou finalmente actuando por meio de passes.

Uma vez obtida a rigidez cataléptica, passa-se ao estado sonambúlico—ou fazendo-lhe sôbre a testa uma ligeira insuflação, ou actuando por meio de passes durante uns quinze minutos, ou empregando qualquer outro processo usado para tal fim.

Durante êstes trabalhos é mister que reine entre os circunstantes o mais rigoroso silêncio.

Uma vez obtidas as três fases do sono magnético, o resto irá por si.

Uma vez posto o passivo em estado de *sonambulismo lúcido*, forma-se a cadeia em tórno dêle, de maneira que ninguém lhe toque.

A obscuridade deve ser completa e é indispensável que durante estas experiências, e enquanto o passivo estiver dormindo, *a cadeia não se rompa*, pois que vai nisto interessada a saúde e mesmo a vida do *médium*.

Espera-se nesta situação que o *mundo invisível* se manifeste.

Se passada meia hora ou três quartos de hora o *mundo invisível* não se tiver manifestado, e dado indicações sôbre o que se deve fazer, o magnetizador isola-se dos outros assistentes (mas sem que a cadeia se quebre), e trata de despertar o *médium*.

Repetem-se estas experiências durante dez ou doze dias, e se, passados êles, o *mundo invisível* não se tiver manifestado, pode proceder-se da mesma forma com um outro passivo.

Se, porêm, algum espírito se incarnar no *médium*, devem observar-se as suas prescrições.

*

* *

Até mesmo a *Patologia* pode auferir inúmeras vantagens da teoria e conhecimentos do *Espiritismo*, sôbretudo a *patologia nervosa*, indubitavelmente a mais repleta de incertezas e obscuridades.

Assim a histeria explica-se facilmente pelo estudo científico do perespírito, pois que ela resulta de um desequilíbrio de aptidões e funções entre o perespírito e o corpo, e só os processos

magnéticos e o tratamento sugestivo lhe podem dar remédio ou alívio.

Na histeria vulgar e nos *nevropatas inferiores* o *perespírito* não funciona regularmente, porque a alma é *demasiado rudimentar* para o organismo, *muito mais aperfeiçoado* do que deveria ser.

Nos grandes histéricos ou *nevropatas superiores* dá-se exactamente o contrário: — a alma é *nímiamente perfeita* para poder servir-se regularmente de um organismo tão grosseiro, e dessa disparidade resultam essas perturbações tão extravagantes nos órgãos sensitivos e motores e nas faculdades mentais dos histéricos.

Da mesma forma certos factos de alucinação, de possessão e loucura, no campo das sciências ocultas podem encontrar explicação bem mais plausível, do que aquela que vulgarmente se lhes quer dar.

E uma vez conhecida a causa e origem destes males, facilmente se chega à conclusão de que o seu tratamento não está na terapêutica vulgar, mas na *anímica* ou *sugestiva*.

*

* *

Não encerraremos êste capítulo sem tratar, embora sumariamente, de um outro assunto, de que os adversários do *Espiritismo* fazem o seu cavalo de batalha.

Negam êles a reencarnação, pelo simples facto, (aliás indubitável), de *não nos recordarmos* do que fomos e fizemos nas nossas *existências anteriores*.

Ora êste argumento, — a perda da memória dessas vidas anteriores, é daqueles que a velha lógica qualificava de *viciosos*, porque provavam de mais. — *Qui nimis probat, nihil probat*.

E, com efeito, se a perda da memória de uma certa ordem de factos houvesse de provar *a não existência de tais factos*, seríamos forçados a concluir:

1.º — Que a quasi totalidade dos factos da nossa vida actual *não existiram*, porque *hoje* não nos lembramos dêles; e mesmo de muitos de maior importância — *apenas conservamos uma reminiscência vaga e longínqua*.

2.º — Que tudo o que vemos, ouvimos e fazemos, *sonhando*, também não teve existência

subjectiva, por isso que, em regra, tudo nos esquece ao acordar.

3.º—Que tudo quanto o sonâmbulo disse ou fez enquanto esteve dormindo *não existiu também*, porque, ao acordar, tudo, *absolutamente tudo*, lhe esqueceu.

4.º—Que nos casos, (aliás pouco vulgares), de personalidades múltiplas em um mesmo indivíduo no estado de vigília, todos os actos e factos praticados por êsse indivíduo sob o predomínio da personalidade A *não existiram* para êsse indivíduo, quando nêle impera a personalidade B, porque nesta situação lhe esqueceu tudo quanto respeitava à outra personalidade.

Vê-se, pois, que, em diversas circunstâncias e condições da existência, *nos podemos esquecer completamente* de inúmeros factos da nossa vida actual, para que possamos daí tirar argumento contra a teoria da *reincarnação*.

Mas há ainda dois argumentos directos que demonstram *fisiológica e moralmente*, que passando o nosso espirito de um para outro corpo, — *não podíamos nem devíamos* recordar-nos do que *fomos e fizemos* nas anteriores existências.

E, com efeito, sabemos que a memória é *uma faculdade da alma*, que se exerce e objectiva mediante o emprêgo de certos órgãos cerebrais, isto é, *corpóreos*.

Portanto, para os espiritualistas a memória é uma faculdade ou função *psico-fisiológica*.

Comparou-se já a memória a um livro em cujas fôlhas se vão arquivando as imagens latentes das ideias, das cousas, das palavras, etc., donde, em consequência de um esforço da nossa vontade, surge nítida e viva a imagem que desejamos.

Aceitemos esta comparação para maior clareza, e vejamos o que succede.

Enquanto vivo, o indivíduo A tem a consciência, mais ou menos nítida, de tudo quanto está arquivado no livro da sua memória, e daí lhe resulta a sua personalidade e identidade. Mas um dia veio a morte, e o livro *desfez-se* como o resto do corpo; e a alma, embora no estado astral conserve a noção nítida de todos os seus actos, *quando reincarna* fica obscurecida pela sua adjunção e adaptação a um *novo organismo*, que não pode conservar noção alguma do que foi e do que se passou com o organismo anterior.

O *livro* da memória da personalidade actual *está em branco*, as *impressões* que há de receber hão de lhe vir do exterior e não do passado. Como *os órgãos* da personalidade actual nada teem de comum com os da personalidade anterior, é claro que, apesar da personalidade psíquica *ser a mesma*, a personalidade física é *totalmente diversa*.

Daqui resulta a *impossibilidade fisiológica*

de se manter a recordação das existências anteriores.

Considerada agora a questão debaixo do ponto de vista moral, temos a atender que:—Se conservássemos a recordação das nossas existências passadas, recordar-nos híamos também dos factos dos outros que se relacionassem comnosco.

E se, sob o *novo invólucro*, nos reconhecêssemos a nós mesmos, era fatal que nos personagens actuais reconheceríamos também muitos dos nossos antigos contemporâneos das anteriores existências.

Como terrível consequência de tudo isto teríamos, a dominar tudo, *uma atmosfera de desconfiança recíproca* entre todos, e *o remorso corroendo constantemente* a todos, pela rememoração crudelíssima dos passados erros. E a consciência, de que os outros reconheciam também o nosso passado anterior, alhearia de cada um de nós as simpatias dos outros.

A vida numa sociedade *tão cheia das recordações do passado* seria o mais atroz dos suplicios. O criminoso não poderia ter reabilitação fácil, porque, na *sua nova existência*, pairava sobre êle o *estigma do passado*. A vítima de ontem procuraria vingar-se hoje daquelle, que fôra seu algoz.

Finalmente, numa sociedade assim organiza-

da era *completamente impossível* o progresso individual e social.

O esquecimento total de tudo o que se passou nas existências anteriores, é, pois, *uma necessidade moral* para o progresso da humanidade. Assim, ao menos, o maior delinqüente da existência anterior pode reabilitar-se na vida actual e tornar-se mesmo um benemérito, porque a sua personalidade anterior é desconhecida para todos e para êle próprio.

IX

Conseqüências Morais e Sociais do Espiritismo

Uma vez aceites as duas bases fundamentais do *Espiritismo*, isto é—*a imortalidade da alma humana*, envolta sempre no seu corpo astral,—e *o seu desenvolvimento progressivo e indefinido pelos seus próprios esforços, em sucessivas reencarnações*, as conseqüências filosóficas que daí dimanam são *inúmeras e transcendentas*.

As obscuridades sistemáticas e metafísicas da velha filosofia e as concepções caducas e meramente convencionais da velha psicologia; as especulações teológicas e as imposições dogmáticas dos diversos cultos: as abstenções sistemáticas do positivismo em devassar o problema gigantesco do destino humano; e a negação terminante e franca dos materialistas sobre a existência e imortalidade do espírito; *nada disto se impõe já ao espírito do homem*, como capaz de saciar a sua avidez de saber, nem é capaz de preencher o vá-

cuo se lhe depara ante o problema do seu destino.

A velha metafísica *não o convence*; a teologia *briga com a sua razão*; o materialismo *deixa-o frio e avilta-o*; e todavia o homem, que pensa e medita, tem *a intuição nítida* de que há nêle um *quid*, que não morre, e que o seu *procedimento bom ou mau* não pode ser cousa indiferente para o problema do seu destino.

O homem é por instinto religioso; mas não pode acreditar nos deuses antropomorfos, caprichosos, venais e vingativos que lhe querem impor; não pode crer em milagres, nem na predeterminação de uns para a beatitude, e na condenação eterna de outros a suplícios sem termo.

O homem de hoje quer ser religioso, mas não aceita crenças impostas *em nome da fé*, aceita apenas as que resultem de convicções baseadas *na razão e na observação*.

O homem culto de hoje não pode também aceitar as doutrinas *neantistas* que deprimem a dignidade e a consciência humana, levando-o, *pela irresponsabilidade*, à imoralidade, ao desespêro e ao crime.

No conjunto admirável dos seres criados, o homem é indubitavelmente o mais perfeito; e se toda a criação revela um plano que gradualmente se desenvolve em harmonia com a lei universal do progresso, o homem, sendo, como é, o

animal mais perfeito, tem indubitavelmente o papel mais importante no desenvolvimento dêsse plano.

Se a morte fôsse o *aniquilamento do ser*, a *anulação da personalidade humana*, é claro que sendo a *felicidade individual* o móvel, o objectivo que todos *devem buscar*, e como só nesta vida a poderiam encontrar, é claro que seria o *egoísmo* a lei mais imperiosa da vida humana, e, assente isto como princípio, o homem, *por necessidade e conveniência*, tornar-se hia na sociedade muito pior do que as feras.

A responsabilidade humana não passaria de *um mito*, as leis de um *despotismo social*.

O homem derrubaria na sua passagem quanto obstasse às suas ambições; a imoralidade e o crime seriam termos sem significação alguma.

Não pode ser! uma tão deprimente doutrina *bestealizaria* o homem, tornando-o escravo inconsciente das suas paixões.

E todavia é esta a consequência fatal do materialismo.

*

* *

É contra êste morbo perniciosissimo da sociedade moderna, é contra esta descrença ruïnosa,

contra este egoísmo feroz do século passado e do corrente, que o *Espiritismo* se alevanta armado como um paladino medieval; opondo à vaidosa sciência dos académicos, a sciência nova do futuro, apoiada em factos e observações inúmeras, provadas com o maior rigor científico.

Êle cria desde os alicerces uma psicologia nova, toda experimental, estabelece o liame indissolúvel entre todas as sciências, até hoje desconexas; dá do Universo a concepção mais grandiosa e completa, mostra a *unidade* do problema religioso através da multiplicidade de cultos; depura a crença dos dogmas abstrusos e imobilizantes; e, demonstrando que o homem é o fautor do seu próprio destino através dos séculos, lança as bases da solidariedade humana e da moral universal.

Tal é o papel, tal a missão que o *Espiritismo* vem desempenhar na sociedade actual.

Perante a simplicidade luminosa da nova doutrina, teem de ser postas de parte, como fósseis desvalorizados, todas as obscuridades sistematicas e velharias incoerentes da velha filosofia, que, em dois mil anos de domínio, não conseguiu legar ao espirito humano a *demonstração cabal e irrefutável da vida além da campa, e da immortalidade da nossa personalidade*.

Perante o fúlgido clarão, que da nova doutrina irradia, a ideia de **Deus** ressalta formidável-

mente bela, e a crença fundamental num **Deus** universal, inefável e bom para todos, que deixa a cada um a liberdade de acção necessária para criar e fomentar o seu próprio destino, que é o *progresso indefinido e constante*, ou noutros termos — garantindo a salvação de *todas* as suas criaturas em períodos de tempo mais ou menos longos, consoante os esforços de cada um.

Perante esta crença científica, que se radica na consciência pelo raciocínio, e não se impõe *pela fé* nem *pela fôrça*, caem por terra todas as prescrições dogmáticas, que aviltam a razão, e que obstando ao nosso desenvolvimento consciente, quási aniquilam o nosso livre arbítrio. Assim o homem, nobilitado pela consciência da sua fôrça evolutiva, e pela certeza da sua missão através dos tempos, sente-se *mais crente, mais forte e mais feliz*, porque sabe que o seu destino *só de si depende*, e não da intervenção miraculosa de uma divindade parcial e caprichosa que predestinava uns para *a felicidade eterna*, e outros para *castigos sem fim*.

E, com efeito, a ideia mais grandiosa que se pode formar da Divindade é supô-lo capaz de criar os mundos e os seres *com todas as fôrças ingénitas*, necessárias ao pleno desenvolvimento de cada um, sem que seja mister a intervenção *anormal* do seu poder, mediante essa ideia de colaboração divina chamada *milagre*.

A criação não é um facto miraculoso, singular, voluntarioso; a criação é um acto contínuo de todos os instantes, sem comêço e sem fim.

O Universo renova-se constantemente em cada uma das suas partes; mas no seu conjunto é co-eterno com a Divindade.

A Terra deixa de ser o centro do Universo, para se tornar num *ponto ínfimo* na incomensurabilidade do espaço, um grão de areia no concôrto universal dos mundos.

Assim reduzida à sua verdadeira importância no Universo, a Terra torna-se apenas *um dos estadios* inúmeros da vida, *um dos meios* de perfectibilidade do *Espírito*.

Êste, por seu turno, não saíu completo e perfeito das mãos do Criador, como a Minerva brotou armada do crânio de Júpiter; pelo contrário, forma-se e depura-se ela própria pelos seus esforços, trabalhos e sofrimentos no decurso das suas vidas sucessivas.

Desponta no mineral sob a forma de afinidade e de coesão, individualiza-se na planta criando forma própria e faculdades psíquicas rudimentares, depura-se e enriquece-se no animal, tornando-se inteligente e voluntarioso, e nobilita-se no homem, atingindo a consciência da sua fôrça e a intuição mais ou menos nítida da sua missão no mundo.

Chegado a êste estadio do seu desenvolvi-

mento, o espirito vai-se pouco e pouco libertando do mal, inerente *necessariamente* às fases inferiores da sua evolução, e, desenvolvendo-se gradualmente pelo seu próprio esforço, atinge as noções e o culto da *verdade*, do *belo* e do *bem*, cuja objectivação mais ou menos rápida sintetiza o ideal da sua felicidade futura. É só esta elevada compreensão da vida universal e do progresso individual que nos pode dar a chave dos mais intrincados problemas da sociologia.

Assim, segundo esta doutrina, explica-se facilmente o problema do mal, e justifica-se plenamente a existência das desigualdades físicas, morais, intellectuais e sociais entre os homens, factos estes que, vistos através do falso prisma das outras doutrinas, brigam enormemente com a noção que formamos do ideal de justiça.

Negue-se a lei das *reincarnações sucessivas* e teremos *a iniquidade mais revoltante* a governar o mundo.

Aceite, porêm, essa lei, tudo se explica racionalmente.

As *desigualdades humanas*, consideradas sob o ponto de vista da intelligência, da consciência e do coração, acham a sua cabal explicação nos *diferentes graus de evolução* em que se encontram os diversos seres.

Todas as desigualdades sociais, que tanto nos preocupam, quer resultem da fortuna, da

saúde, do carácter, das aptidões da moral ou do homem, tem a sua razão de ser ou antes o seu acto de justiça eterna *na pluralidade das existências*.

O problema do mal tem uma explicação igualmente lógica.

O mal não é, como se tem querido fazer acreditar, a consequência fatal de um *pecado inicial* expiado por todas as gerações subsequentes; não é um castigo, e menos ainda a vingança de uma Divindade, porque esse sentimento egoísta e malévolos é incompatível com a concepção elevadíssima que formámos do Ente Supremo, ou de *Parabrahma*, como hoje se diz em sciências ocultas.

O *Mal* é o grande *estímulo* da actividade dos seres; o *agulhão* onipotente do progresso, o *aviso* protector da Natureza, que assim garante a nossa conservação.

O estímulo do mal impede que o homem e a sociedade se immobilizem no seu estado actual.

A doença, a dor física ou moral, qualquer das formas, emfim, por que o *mal* se pode apresentar, desperta a nossa actividade para a luta constante, para o trabalho incessante; mostra-nos a inanidade dos prazeres materiais, e fazendo-nos lamentar o tempo inútilmente perdido, faz-nos antever, como Sant'Elmo salvador, a necessidade

de um destino mais amplo, fazendo-nos conceber o desejo de conquistar a verdadeira felicidade.

Assim, pois, conquanto em virtude das condições evolutivas das espécies, o *mal* seja uma condição de vida e progresso inevitável, é todavia certo que êle diminui gradualmente com os progressos da evolução. A filosofia da história dá desta afirmação a mais brilhante demonstração.

O *paraíso* e o *inferno* são noções fósseis, que não cabem dentro dos limites desta concepção científica, como opostas às noções fundamentais da justiça e do progresso.

Os castigos e as recompensas são uma consequência fatal dos nossos êrros e dos nossos esforços.

A vida actual é a *consequência inevitável e directa das nossas vidas passadas*, como as nossas existências vindouras hão de ser a consequência necessária das nossas acções presentes.

A punição dos nossos êrros será simplesmente o *estacionamento* nas incarnações humanas inferiores, conforme certas condições, que matemática e fatalmente resultam das anteriores existências.

Igualmente o *prémio* ou *recompensa* das nossas virtudes domésticas e cívicas, dos nossos esforços e sofrimentos—é a *simples evolução para condições superiores*.

A felicidade do homem, como a de todos os

seres, está toda dependente *dos seus esforços* actuais combinados com as aquisições anteriores.

O maior incentivo ao progresso que o Espiritismo nos incute na alma é a convicção de que nós temos a *esperar tudo de nós mesmos*,—o bem e o mal.

*

* *

Postos e assentes êstes princípios, não é difícil de ver quão transcendentés são as consequências morais e sociais, que desta doutrina fatalmente dimanam; pois que a radicação de tais doutrinas no mais íntimo da consciência humana faz brotar nela uma *moral nova*, toda de paz, solidariedade e progresso, uma *moral científica*, e *altruísta*, que, deixando de ver nos gozos terrenos o ideal da felicidade humana, substituirá a moral egoísta, material e míope da sociedade actual, que leva os homens fatalmente a essa luta perene entre o capital e o trabalho, luta que divide a sociedade em dois bandos fatalmente hostis—*os exploradores e os explorados*, em vez de conduzir a humanidade à solidariedade universal, única conclusão lógica da nova ciência do espirito.

A *nova moral* tem de assentar as suas doutrinas nas três bases seguintes:

1.º— *O conhecimento das leis evolutivas.*

2.º— *A necessidade impreterível do livre desenvolvimento individual.*

3.º— *A noção da relatividade da liberdade moral, baseada na compreensão do mal, e das desigualdades humanas.*

Como o desenvolvimento dêstes princípios nos levaria demasiado longe, limitar-nos hemos a fazer a sùmula do muito que poderíamos dizer a tal respeito.

Assim pois:

Do conhecimento das leis evolutivas resulta:

1.º— *A necessidade do trabalho individual.*

2.º— *A necessidade de cultivar, mais que tudo, as nossas faculdades intellectuais e affectivas, libertando-nos quanto possível, das sujeições materiais.*

3.º— *O conhecimento da solidariedade humana, como lei básica da nossa espécie, lei que resulta das existências sucessivas a que estamos sujeitos, em condições sociais e meios de existência os mais diversos. Daqui resulta o altruísmo, sentimento grandioso, que, levando-nos a auxiliar espontâneamente os nossos semelhantes individual e colectivamente, contribui simultâneamente para o nosso próprio adiantamento, e torna menos penosas as nossas futuras encarnações.*

Da necessidade impreterível do livre desenvolvimento individual resulta:

1.º—Que nós trazemos, por natureza, no nosso ser tudo quanto pode assegurar o nosso *progresso individual*, e que essa progressão deve resultar essencialmente dos *nossos esforços pessoais*. E, disto resulta:

2.º—Que, tanto quanto possível, a moral humana deve deixar o indivíduo em liberdade desde que êle atinge o seu pleno desenvolvimento.

3.º—Que, passado o período da infância, é *inútil e nociva*, por contraproducente, a imposição de um dever que o indivíduo *não compreende, que seja um dever*. Assim pois:

4.º—O ideal da moral deve ser *instruir e aconselhar*, e *não impor-se pela coacção*, deixando ao homem a *plena liberdade de proceder*, para poder ser responsável pelas suas próprias acções. A luta com os azares da sorte é *uma condição de progresso*.

Cedo ou tarde os êrros cometidos serão expiados pelo sofrimento na Terra, ou em outras existências, e *julgados e compreendidos pelo próprio culpado*, quando vier a entrar na vida astral. E essa expiação e julgamento constitui para êle um progresso.

Deve notar-se que a *plena liberdade de acção*, que o espiritismo aceita e reclama como um *di-*

reito humano — é um *mero ideal*, que na vida prática tem de ser restringido e limitado *tanto quanto baste* para assegurar o *bem estar de todos*.

Mas toda a restrição que exceda o indispensável é *injusta e condenável*.

Da *noção da relatividade* da liberdade moral resulta:

1.º — Que, segundo a lei natural da evolução, o livre arbítrio é sempre proporcional ao adiantamento moral do indivíduo.

Daqui resulta que a gravidade de um erro ou culpa não deve ser apreciada em si mesma, nem mesmo segundo as circunstâncias concomitantes, mas sobretudo segundo o grau de *elevação intelectual e moral* do culpado.

Conseqüentemente os julgamentos humanos, assentando sobre leis penais baseadas no *falso princípio da igualdade moral dos delinquentes*, são fundamentalmente iníquos.

2.º — Dêstes princípios se conclui que o verdadeiro espírita deve, tanto quanto possível, abster-se de julgar os outros; porque nós mesmos nas nossas encarnações anteriores incorremos sem dúvida em delitos análogos: e aos princípios da moral repugna que queiramos aplicar aos nossos semelhantes penalidades, que não desejariamos nos fossem aplicadas a nós.

E tanto mais quanto é certo que o espírita ilustrado considera os crimes, vícios e todas as

manifestações degradantes das paixões humanas, não tanto como *produtos voluntários* da inteligência humana, quanto como um *resultado fatal* da ignorância ou de um estado psíquico inferior.

Por isso a sociedade deve tender, cada vez mais, *a fechar as prisões e abrir as escolas*, a instruir intelectual e moralmente os seres psíquicamente inferiores, e *a impedir apenas* as suas más acções; mas nunca *a punir*, e menos ainda *a vingar-se*.

Quando o criminoso o é *por vício orgânico* que resulta do seu atraso psíquico, os castigos, além de inúteis, tornam-se contraproducentes. Em tais casos a sociedade deve *apenas impedi-lo* de fazer mal aos outros.

*

* *

Dito isto, tornam--se evidentes as consequências que daqui dimanam para o indivíduo e para a sociedade.

Assim, na vida individual, aconselhamos mais que tudo *o trabalho*, e especialmente o trabalho intelectual, como meio de cultura das nossas faculdades afectivas e emotivas. Mas, como a vida terrestre é *curta*, e a sciência *múlti-*

pla e infinita, é inútil, por impossível, visar ao enciclopedismo.

Nós trazemos do berço uma tendência *inata* para um determinado ramo das sciências ou das artes. Procuremos descobrir essa tendência, e cultivemo-la. É, seguindo esta orientação, que mais facilmente procuraremos uma relativa felicidade.

Orientado por êstes princípios moralizadores e fecundos, o homem *fará o bem* em tórno de si sem mira na recompensa, nem se importar com a ingratição dos homens nem se envaidecer com o reconhecimento das turbas.

Desprezará as injúrias pessoais como aberrações filhas da ignorância e do atraso intelectual.

Virtuoso por convicção, êle desculpará todavia os vícios e defeitos alheios e o sentimento da vingança será banido do seu coração.

Trabalhando *para si* êle trabalhará largamente *para os outros*, procurando o seu aperfeiçoamento em virtude da lei do altruísmo, que resulta da crença nas vidas sucessivas.

Reconhecendo que cada vida é um degrau *indispensável* na escala do seu progresso, o espirita buscará tirar todo o partido possível da sua incarnation actual, poupando, tanto quanto possível, o corpo, como instrumento de trabalho, evitando os perigos inúteis, aguardando serenamente a morte física, sem todavia a provocar nem desejar.

*

* *

Na *vida social* as conseqüências do espiritismo são enormes e transcendentas.

Do conhecimento das vidas sucessivas e da reencarnação em personalidades mui diversas, como meio de expiação e progresso, resultará para cada um *a convicção* de que, sendo a humanidade solidária, o primeiro dever de cada um — *é trabalhar constantemente* para o progresso geral da sociedade.

A família será considerada sob um ponto de vista mais largo e, como a *ideia da pátria*, irá alargando-se de mais em mais, desaparecerá pouco e pouco o espírito de rivalidade de raças e de interesses, que actualmente divide as diversas nações.

As divisões e inimizades entre as diversas classes sociais tenderão a desaparecer, e os prejuizos de castas, de crenças, de fronteiras e raças sumir-se hão por seu turno.

O Estado, como poder político, limitará a sua intervenção a *impedir o menos possível* a iniciativa de cada um, e, restringindo a sua acção a um papel de *mera protecção*, terá apenas em

vista assegurar a cada um a sua liberdade de acção e garantir a segurança de todos.

*

* *

Mas, se a doutrina *evolucionista psico-física*, que defendemos, nos demonstra as falsas bases em que assenta a organização da sociedade actual, ela obsta igualmente a que possamos adoptar as *teorias liberticidas* do socialismo e as *utópicas aspirações* do anarquismo.

Ambas estas doutrinas dimanam de uma observação aliás verdadeira, e é—*que a maior parte dos males de que sofre a humanidade tem a sua origem nos próprios homens e não na Natureza.*

Mas procurando dar remédio a êste mal, o socialismo chega a uma conclusão errónea, pois que, reforçando os poderes e attribuições do Estado, *mata de vez* a liberdade e a iniciativa individual, nivelando tudo o que a *Natureza fez desigual*, e transformando a humanidade numa *imensa roça*, dirigida *pelo azorrague omnipotente* do Senhor, que é o Estado.

Por seu turno a anarquia, procurando reconquistar para o homem a liberdade inteira do selvagem, e aniquilar de vez a entidade Estado, erra

profundamente, porque êsse estado social só seria possível se a humanidade, tendo atingido já *o cúmulo da perfectibilidade*, soubesse praticamente respeitar sempre, nos outros, a liberdade de acção, que para si deseja.

Finalmente, ainda cumpre fazer sentir uma última conseqüência, que dimana da doutrina espírita, e é que os deveres chamados humanitários se estendem também aos animais. E com efeito, admitida a teoria de que todos nós passámos por diversos estadios de vida nos animais inferiores, e de que, qualquer animal é apenas *um espírito*, que, sob uma forma material variável, *evoluciona* para chegar à *categoria de homem*, nós devemos, por um dever recíproco de *solidariedade anímica*, auxiliá-lo nessa evolução natural, evitando tudo o que a possa contrariar.

Por isso todo o espiritualista convicto e coerente repelirá todos os espectáculos cruéis à custa dêles, evitando-lhes todo o sofrimento *inútil*; não os matando, senão por absoluta necessidade.

São condenadas, sob todos os pontos de vista, as *toiradas*, êsse espectáculo degradante para a espécie humana, relíquia *atenuada* dos combates de feras, com que o povo romano se comprazia tanto.

— «Pode-se afirmar, dizia Schopenhauer, e com toda a confiança, que aquele que é cruel

para com os animais, não pode ser um homem bom!»

E nós acrescentâmos:—E aquele que se apraz nessas crueldades dá uma triste prova do seu senso moral.

E com respeito aos animais domésticos, que nos prestam serviços relevantes, temos o dever sagrado de os tratar com brandura e de lhes prestar todas as atenções e cuidados de que possam carecer.

*

* *

Eis-nos chegados ao fim da tarefa que nos impusemos, que era expor *sumariamente* os fenómenos, teoria e doutrinas do Espiritismo; demonstrar a sua *verdade* e apreciar o *papel reformador*, que tem a desempenhar na sociedade.

Mostrámos que o *Espiritismo* é, como a física e a química, uma sciência positiva e experimental, baseada toda em factos, tão demonstrados, que os sábios mais afamados da Europa e América, tais como William Crookes, Russel Wallace, Zoelner, Aksakoff, Miers, Lodgé, Schiaparelli, Carlos Richet, Lombroso e o Coronel, conde de Rochas, entre muitas dezenas de ou-

tros, foram, mau grado seu, forçados a renegar o materialismo em que foram educados, para abraçarem e se tornarem beneméritos apóstolos da nova orientação filosófica.

A doutrina *evolucionista* aplicada por Darwin ao mundo *físico*, completada hoje pelo *Espiritismo*, que é o *evolucionismo psíquico*, é a única doutrina que está destinada a *revolucionar o mundo* sob o ponto de vista *moral e social*, combatendo triunfantemente as doutrinas *neantistas* e o *indiferentismo filosófico* que ainda hoje dominam na sociedade actual. E' também a doutrina que pode *derruir* o edifício milenário das velhas superstições, e unificar a espécie humana num *abraço de paz e de fraternidade*.

Nós, que devemos à doutrinação espírita a consolação maior da vida, e a fôrça inexgotável para a luta pela existência, nós, escrevendo êste livro, sem vaidades nem hesitações, indo de encontro às opiniões correntemente admitidas, sem fazermos caso do que contra nós se possa dizer, ficâmos tranquilos e satisfeitos com a nossa consciência, porque ela nos diz termos cumprido um dever, procurando encaminhar os nossos compatriotas no caminho fecundo da felicidade futura.

FIM.

ÍNDICE

Duas palavras preliminares	7
CAPÍTULO I	
A Neo-Psicologia (teoria)	11
O Corpo	22
O Perespírito	23
A Alma	26
A Morte	30
CAPÍTULO II	
A Neo-Psicologia (provas)	35
A Alma.	48
CAPÍTULO III	
A Neo-psicologia — Factos (provas indirectas)	53
I. Telepatia	53
Sonhos verídicos e proféticos	54
II. Magnétismo	71
III. Alucinações telepáticas	97
A Teoria Espírita	149
CAPÍTULO IV	
O Espiritismo	161
I.	161
II. Parte histórica do espiritismo moderno	166
III. Provas Directas do Espiritismo.	177
Ruídos vários	183
Movimento de corpos pesados sem contacto	186
Variação de pêso nos corpos	195
Levitação ou ascensão de corpos vivos	197

Execução de trechos musicais	209
Claro-vidência—Claro-audição	213
Mediumnidade Escrevente ou Psicografia	215
Escrita automática.	216
Manifestações várias	224
Fenómenos de Incorporação ou Mediumnidade	
Vocal	233
Materializações completas.	237
Conclusões	277
Filosofia Espírita e Espiritismo Prático	288
I. Generalidades	288
II. O Homem.	294
III. A Vida Terrena.	299
IV. A Vida Astral	303

CAPÍTULO V

Sessões Espíritas	313
I. Generalidades	313
II. Os Médiuns	323
Tiptologia.	326
Escrita automática.	328
Mediumnidade vocal.	332
Sessões diversas	336

CAPÍTULO VI

Origem das Comunicações e seu valor	337
---	-----

CAPÍTULO VII

Teoria dos Fenómenos Espíritas	349
--	-----

CAPÍTULO VIII

Concordância do Espiritismo com todas as Ciências.	361
--	-----

CAPÍTULO IX

Conseqüências Morais e Sociais do Espiritismo.	387
--	-----

Coleção Teosofica e Esoterica

- I— *Compêndio de Teosofia*, por C. W. Leadbeater,
1 vol. 400
II— *Ideais da Teosofia*, por Annie Besant, 1 vol. 300
III— *Clarividência*, por C. W. Leadbeater, 1 vol. no prelo
-

Ruy Chianca

A freira de Beja

(*Sóror Mariana*)

Peça em 1 acto. 200

Maurício Maeterlinck

A vida das Abelhas

Tradução da 62.^a edição, por Candido de Figueiredo
1 vol. 500

Yoghi - Ramaciaraga

Ata-Yoga

ou arte de viver com saúde, 1 vol. 600

Dr. Nuno Simões

Gente risonha

1 vol. 200

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
17—Praça dos Restauradores—17
LISBOA